

**CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE E RELAÇÕES ÉTNICAS E DE GÊNERO
EM *TORTO ARADO*, DE ITAMAR VIEIRA JR.**

CONSTRUCTION OF IDENTITY AND ETHNIC GENDER RELATIONS
IN *TORTO ARADO*, BY ITAMAR VIEIRA JR.

SILVA, Maria Marcia da
UFRPE

marcyahonoratto@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-1610-9831>

GUSMÃO, Amanda Corte
UFRPE

amandacortegusmao@hotmail.com.
<https://orcid.org/0009-0005-0185-0087>

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de
UFRPE

socorroalmeidalettras@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6061-6128>

Recebido: 10/12/2024 | Revisado: 15/12/2024 | Aceito: 26/12/2024 | Publicado: 31/12/2024
DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14582231>

RESUMO: O artigo apresenta uma discussão acerca da construção de identidade na obra de Itamar Vieira Júnior, *Torto arado* e destaca as relações étnicas e de gênero no romance. A análise está dividida em três seções: a primeira expõe um olhar sobre a identidade, focando no processo de busca e construção identitária das personagens. A segunda, intitulada 'Olhar sobre relações étnico-culturais', destaca questões sobre pertencimento à terra, as condições e relações no modo de ser e viver. O tópico três contextualiza situações circunstanciais e condições na representação das mulheres e o papel delas na obra. O trabalho se ancora em estudos de Fernandes (2021), Quijano (2005), Almeida (2019), Adichie (2014-2019) e outros. Ao longo do estudo foi possível observar que, em relação à identidade cultural, a construção é feita de forma coletiva, de acordo com o envolvimento de cada personagem no processo de resignificação da história brasileira, da memória coletiva e das tradições da comunidade. Com relação às questões raciais, foi possível perceber o papel do reconhecimento e preservação dos traços de ancestralidade e da conexão com o espaço na mobilização da luta por direitos. No que concerne à representação feminina, as personagens se apresentam fortes e resilientes.

Palavras-chave: Relações étnicas; gênero; identidade; aspectos culturais.

ABSTRACT: The article brings up a discussion about the construction of identity in the work of Itamar Vieira Junior, *Torto Arado*, and highlights the ethnical and gender relations in the story. The analysis is divided into three sections: the first one approaches identity, focusing on the characters' process of pursuit and construction of identity; the second one, titled "View upon ethnical-cultural relations", brings up questions about belonging to the land, the ethnical-cultural conditions and

contexts in the way the characters are and live. The third topic contextualizes circumstantial and situations in the way women are represented and their role in the narrative. This work is based on studies by Fernandes (2021), Quijano (2005), Almeida (2019), Adichie³ (2014-2019) and others that have contributed greatly for the research. Throughout the study, it was possible to observe that, regarding cultural identity, the construction is made collectively, according to the involvement of each character in the process of resignification of history, of the collective memory and of the communal traditions. In regards to racial issues, it was possible to visualize the role of acknowledgement and preservation of ancestry traits and the connection with the environment in the. About the representation of women, the characters are introduced as strong and resilient.

Keywords: Ethnic relations; gender; identity; cultural aspects

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura tem papel fundamental na formação cidadã, é a representação do olhar humano sobre o mundo em cada época. Ela é um bem de direito humano e não usa amarras ao lentificar o olhar leitor para aspectos elementares e contextos muitas vezes despercebidos, daí a importância de analisar uma obra como a que está em questão. Dessa forma, este estudo traça uma discussão acerca da construção de identidade na obra de Itamar Vieira Júnior – *Torto Arado* – no intuito de lançar luz sobre as perspectivas de etnia e gênero na obra.

Publicado em 2019, a obra recebeu o prêmio Jabuti de livro literário; prêmio Jabuti de livro brasileiro publicado no exterior e o prêmio Oceanos. Vieira Jr. cativa os leitores pela maneira de descrever a realidade vivenciada pelas personagens, usando uma linguagem fluida, próxima da oralidade. No romance não há uma predominância monofônica, as personagens têm autonomia para expor seu ponto de vista. É um composto de narrações, de vozes, opiniões e experiências especialmente das mulheres cujas vozes predominam.

A narrativa é dividida em três partes, Fio de corte, com 15 capítulos; Torto Arado, com 24 capítulos e Rio de sangue, com 14 capítulos; cada parte é narrada em primeira pessoa por uma personagem diferente. De forma central, observa-se duas protagonistas do romance: as irmãs Bibiana e Belonísia. A primeira parte é narrada por Bibiana, as primeiras páginas já carregam uma espécie de clímax, a personagem narra um acidente ocorrido com ela e a irmã, enquanto brincavam no quarto da avó. Esse fato vai mudar a vida das irmãs haja vista que uma delas fere gravemente a língua e para de falar. Quando este fato acontece não fica claro qual das irmãs teve seu órgão perdido, pois a narrativa

não delinea de maneira direta os fatos, mas ao prosseguir a história entendemos que foi Belonísia, embora as marcas desse acidente sejam sentidas pelas duas, pois Bibiana torna-se a voz da irmã: “foi assim que tornei parte de Belonisia, da mesma forma que ela se tornou parte de mim” (Vieria Jr. 2019, p. 14).

No decorrer da narrativa, o leitor conhece outros personagens importantes como Zeca Chapéu grande, pai das irmãs e curandeiro da fazenda onde moram; Donana, avó das meninas; Salustiana, a mãe, e Severo, a grande paixão de Bibiana. Vieira Jr. mostra a saga dos trabalhadores rurais descendentes de povos escravizados, sem direitos básicos para sobrevivência, bem como os períodos de seca e escassez de alimento. A primeira parte traz uma explanação sobre a história de vida dos personagens, a luta por direito à terra para cultivo e moradia. Também mostra o desenrolar da vida amorosa de Bibiana e Severo e a fuga deles para viver esse amor, ganhar maturidade e experiências. Eles voltam ao lugar de vivência mais seguros de si e de seus direitos, com argumentos e autonomia e passam a conscientizar as pessoas dos direitos que lhes são negados. A partir daí o casal passa a ser perseguido, tanto que Severo morre em uma emboscada.

A segunda parte é narrada por Belonísia, que expõe a visão dela sobre o acidente e seus sentimentos em relação ao mundo, bem como sua angústia por não conseguir se expressar oralmente. Ela narra a fuga da irmã e o sentimento de solidão que a tomou depois desse fato. Belonísia, tomada por conflitos, sentimento de culpa e baixa auto-estima, resolve morar com Tobias, homem que trabalhava junto com a sua família na fazenda, mas ao chegar à casa onde passaria a residir, percebe que não será nada fácil, estava tomada pela bagunça, sujeira, insetos e ela passa a ser uma escrava serviçal e sexual do homem grosseiro e bruto que ela acreditou ser seu companheiro. Belonísia continua se sentindo só e infeliz principalmente agora com os maus tratos do marido. Ela faz amizade com Maria Cabocla, mulher que morava nas redondezas e que também sofria violência doméstica. Certo dia, Belonísia se envolveu na briga do casal porque o marido atentou contra a vida da mulher.

A narradora conta sobre a volta da irmã, Bibiana, com Severo e os filhos. Durante o tempo em que estiveram fora, Severo aprendeu muito sobre perspectivas políticas e Bibiana estudou e se tornou professora. Eles voltam às raízes, agora, com consciência

política de seus direitos, passam a reivindicar a terra. A partir daí, acompanhamos a narração de algumas mortes inclusive a de Severo, uma morte encomendada, vemos o ativismo através das ações das mulheres, principalmente Bibiana. O tempo de separação das duas irmãs foi um período de aprendizado para as duas. Belonísia se dedica ao cultivo de plantas, se impõe como mulher e cidadã e passa a ajudar a irmã na busca de dignidade para as pessoas do lugar. A questão do cultivo da terra e a relação com as plantas é uma forma de manter a identidade cultural, a aproximação humano/natureza é uma das características das perspectivas de vivência afrodescendente. Como coloca Bastide (2001), é uma forma de manter um microcosmo de sua terra ancestral.

Na terceira parte, narrada pela entidade Santa Rita Pescadeira, o autor faz uma provocação às discussões religiosas e mostra parte das raízes culturais brasileiras de origem africana. Ele apresenta os encantados, espíritos que fazem parte de rituais dos povos afros, concebidos como guias, protetores, curadores e que, ao estarem em um determinado corpo, podem interagir com as outras pessoas. Assim, o autor dá voz aos encantados quando coloca uma entidade para narrar a última parte do livro. Ela faz uma viagem pelas encruzilhadas da vida e, a partir dela, o leitor consegue conhecer a história dos personagens por outro ângulo. É apresentada a história “oculta”, porque vem com o olhar de quem viveu, é um lugar de fala sobre as gerações de escravizados. A partir dela, conhecemos a história dos personagens, o contexto histórico, social e cultural dos ancestrais daquelas pessoas que, atualmente, estavam vivendo ali, e porque ela (a entidade) tinha o Zeca chapéu Grande como seu cavalo¹. Carreira (2021) confirma que o foco narrativo muda de acordo com quem está narrando, pois ao ser narrada por Bibiana e Belonísia, a história apresenta uma visão limitada dos acontecimentos, mas a entidade tem foco narrativo onisciente.

2. METODOLOGIA / MATERIAIS E MÉTODOS

O artigo está dividido em três seções, na primeira pretende-se desenvolver um olhar

¹ No Brasil, cavalo é o nome dado pelas entidades às pessoas que lhes emprestam o corpo, ou seja, aquelas pessoas que recebem essas entidades em terreiros ou em casa.

sobre as perspectivas de Identidade, focando na busca e construção identitária dos personagens, principalmente no que condiz à figura feminina, e destacando as duas irmãs Belonísia e Bibiana. A segunda secção apresenta um olhar sobre as relações étnicas, culturais e de pertencimento ao lugar de vivência, bem como as contradições das relações entre empregador e empregado. Na terceira parte investiga-se as perspectivas das relações de gênero, contextualizando sobre a representação das mulheres na obra. Por fim, expõem-se as considerações finais e conclusões a que chegamos ao longo da pesquisa. Para alcançar tal intento, busca-se embasamento teórico-crítico nos trabalhos de autores e autoras a exemplo de Scott (1990), Almeida (2019), Quijano (2005), Adichie (2019) e outros.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Perspectivas de identidade e pertencimento em *Torto Arado*

A literatura afro-brasileira já está em ação há bastante tempo, mas a partir do início do século XX, vem ganhando cada vez mais espaço, especialmente com as questões dos estudos culturais e a intensificação dos movimentos sociais a contar da década de 1950. Esta literatura cujo corpus tem lugar de fala de toda uma coletividade, abre alas para contar sua própria narrativa com conhecimento de causa, reconhecimento étnico e propriedade discursiva. É uma escrita com identidade cultural bem delineada e que respeita mudanças e transformações ao longo do tempo e dos contextos históricos e espaciais como bem coloca Duarte:

Enquanto muitos na academia ainda indagam se a literatura afro-brasileira realmente existe – e assinalemos aqui até mesmo a perversidade de uma pergunta que às vezes não deseja ouvir resposta –, a cada dia a pesquisa nos aponta para o vigor dessa escrita: ela tanto é contemporânea, quanto se estende a Domingos Caldas Barbosa, em pleno século XVIII; tanto é realizada nos grandes centros, com dezenas de poetas e ficcionistas, quanto se espalha pelas literaturas regionais, a nos revelar, por exemplo, uma Maria Firmina dos Reis escrevendo, em São Luiz do Maranhão, o primeiro romance afrodescendente da língua portuguesa – *Úrsula* – no mesmo ano de 1859 em que Luiz Gama publica suas *Trovas burlescas*... Enfim, essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa (Duarte, 2008, p. 11).

Nesse sentido, percebe-se que a fala de Duarte comunga com o que já pregava Octávio Ianni ao dizer que “a literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. [...] É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas e invenções literárias (Ianni, 1988, p. 91).

Com relação ao processo identitário, Stuart Hall (2004) observa que a identidade é um processo sempre em desenvolvimento e movente já que o humano está sempre fase de aprendizagem e transformações, sociais, culturais, espaciais, entre outros aspectos que contribuem para a não fixação da identidade. Dessa forma, pode-se falar em processos identitários, daí a necessidade de olharmos para esse fenômeno de forma mais flexível no sentido de observar crises e transformações dos sujeitos ao longo do tempo, especialmente na pós-modernidade em que são tomados por uma série de fatores socioculturais que provocam descontinuidades, fragmentam indivíduos e os jogam em uma contínua crise identitária.

Diante desse embate, é importante salientar que esse momento de profusões de situações, condições e perspectivas de vida, nos permite refletir sobre origens de conceitos, usos e costumes passados ao longo do tempo em discursos e atitudes que sugerem uma só verdade, aspectos discutidos pelo citado autor em “Centralidade da cultura” (1997). Segundo ele, uma centralidade que não permite mais binarismos ou repartições, que luta contra a segregação de qualquer natureza.

Nessa esteira, Chimamanda Ngozi Adichie (2019) alerta sobre o perigo de uma história única, quando as narrativas de um povo se resumem a uma coisa só, de forma homogênea em que se tem apenas em uma versão como certa. Ela diz que, dessa forma, o lugar de voz é ignorado, negado, pois a história passa a ser uma versão dos que têm interesse naquela “verdade” e, nesse caso, existem consequências perigosas. Adichie observa as perspectivas criadas a respeito de determinados lugares, culturas e pessoas sem o devido conhecimento.

Desse modo, a criação de estereótipos se estabelece e eles se tornam verdadeiros no imaginário das pessoas, é o que acontece com os estereótipos criados acerca da comunidade negra e da cultura afro-brasileira. No romance de Vieira Júnior (2019), há

sensibilidade na construção de identidade dos personagens, ele faz com que o leitor conheça aspectos da negritude e o que compõe o imaginário daquele povo. As personagens são descendentes de africanos escravizados no Brasil e habitam um lugar denominado Água Negra, trabalhando para terem onde morar, mas sem remuneração adequada, de modo que vivem em situação análoga à escravidão. Uma espécie nova de escravidão, mas que não deixa de ter a mesma condição. Veja-se que o nome dado ao lugar não é à toa, trata-se de um espaço de sofrimento, um lugar ignorado, desassistido socialmente, onde as pessoas apenas sobrevivem, pois têm seus direitos e dignidade negados.

Depois que Bibiana volta para a fazenda, a comunidade começa a mudar pois ganha consciência política e sobre suas identidades: “Disse que era quilombola. Escutou que ninguém nunca havia falado sobre quilombo naquela região. 'Mas a nossa história de sofrimento e luta diz que nós somos quilombolas’” (Vieira Jr., 2019, p. 256). A autodenominação daquelas pessoas como quilombolas é um ponto simbólico na construção de suas identidades, uma vez que nomear é uma das formas de conferir o direito à existência.

Assim, a identidade cultural da comunidade é construída de maneira coletiva, de acordo com o envolvimento de cada personagem no processo de ressignificação da história. Dessa forma, de acordo com Fernandes (2021), é através de referências históricas, da memória coletiva e das tradições da comunidade que é possível perceber a construção da identidade cultural. Portanto, o romance opera como um instrumento político. *Torto arado* contribui para reflexão crítica da sociedade brasileira, fomenta discussão sobre quem são e como os personagens no cenário fictício de Água Negra.

Embora tenha três fases narrativas, podemos dividir a história da obra em duas partes, a primeira até a saída de Bibiana e Severo e depois da chegada deles. Aquelas pessoas sabiam das injustiças e dos maus tratos pelo dono das terras, mas não tinham muitas perspectivas. Ao sair daquele espaço, Bibiana ganha a liberdade do conhecimento, ela estuda, se torna professora e passa a acompanhar o marido que era um militante das causas dessas populações. Sendo assim, quando eles voltam é como se a comunidade renascesse, aquelas pessoas passam a ter mais consciência da própria identidade, cultura,

etnia e começam a se rebelar contra as ações injustas do proprietário da fazenda e de seus capatazes. Esses aspectos remetem à fala de Frantz Fanon quando diz:

Falar é ser capaz de empregar determinada sintaxe, é se apossar da morfologia de uma ou outra língua, mas é acima de tudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização. [...] Um homem que possui a linguagem possui, por conseguinte, o mundo expresso por essa linguagem e implicado por ela. Pode-se ver onde queremos chegar: existe no domínio da linguagem uma potência extraordinária (Fanon, 2019, p. 22).

Percebemos que Bibiana e Severo voltam mais confiantes, mais fortes, mais corajosos, fazem uso da palavra para conscientizar o povo, só que essa palavra vem carregada de verdades, sentimentos, memórias, revoltas que são comuns a todos que ali vivem, daí chega à conscientização de ser e de estar no mundo e, conseqüentemente, da força para a luta.

3.2 Um olhar sobre as relações étnicas

Para entender como ocorre a constituição da sociedade brasileira e os aspectos identitários relacionados a ela em *Torto Arado*, é essencial debruçamo-nos sobre as implicações das questões raciais e entender como o racismo se manifesta. Nesse contexto, Silvio de Almeida (2019) diz que “o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam” (Almeida, 2019, p. 25). É certo que as conseqüências do racismo abrangem as relações pessoais, o meio ambiente, a educação e toda estrutura social, política e econômica uma vez que, de acordo com o citado autor, nasce nas entranhas das sociedades e perpassa de geração em geração ao longo do tempo.

No cenário histórico utilizado como pano de fundo para a obra analisada, a abolição da escravidão já havia ocorrido, mas em contrapartida se mantinha um regime neocolonialista em favorecimento à exploração das populações negras que viviam e que chegavam para viver em Água Negra, aspecto que reacende a questão do racismo estrutural. Nesse sentido, Silvio Almeida (2019) divide em duas as concepções de raça:

1. *como característica biológica*, em que a identidade racial será atribuída por algum traço físico, como a cor da pele, por exemplo; 2. *como característica étnico-cultural*, em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, “a uma certa forma de existir” (Almeida, 2019, p. 21-22, grifo nosso).

Partindo dessas noções, Almeida (2019) ainda observa que racismo é o sistema discriminatório que atua através de práticas conscientes ou inconscientes que subjugam um grupo de indivíduos pelas suas características raciais, garantindo privilégios àqueles do outro grupo racial em posição de dominância. Em *Torto Arado*, o funcionamento desse regime de poder se manifesta, principalmente, através da expropriação de direitos e de terras dos personagens como legado do período escravocrata e mecanismo de manutenção das dinâmicas entre opressor e oprimido. A narrativa expõe as mazelas do sistema de dominação enquanto, simultaneamente, explora a construção da identidade racial e cultural dessas populações marginalizadas em virtude da sua ligação com o espaço e da presença de ancestralidade por meio dos encantados.

Com a abolição da escravidão, a aparente liberdade dos povos explorados esbarra na completa desassistência das instituições de poder e políticas públicas que ainda persistem. Essas pessoas não tiveram antes e a grande maioria não tem, até hoje, outra opção além de ingressar em uma nova modalidade degradante do trabalho para garantir um aspecto mínimo de dignidade: a moradia.

Em *Torto Arado*, as regras eram claras:

O gerente queria trazer gente que "trabalhe muito" e "que não tenha medo de trabalho", nas palavras de meu pai, "para dar seu suor na plantação". Podia construir casa de barro, nada de alvenaria, nada que demarcasse o tempo de presença das famílias na terra. Podia colocar roça pequena para ter abóbora, feijão, quiabo, nada que desviasse da necessidade de trabalhar para o dono da fazenda, afinal, era para isso que se permitia a moradia (Vieira Jr., 2019, p. 41).

Embora os estudos de Quinjano (2005) trate de aspectos anteriores à obra em questão, é interessante observar que as condições e as perspectivas de vida das personagens da obra não estão longe do que discute o autor quando diz que a nova divisão racial do trabalho se ancora em uma “[...] percepção de que o trabalho pago era privilégio dos brancos. A inferioridade racial dos colonizados implicava que não eram dignos do

pagamento de salário. Estavam naturalmente obrigados a trabalhar em benefício de seus amos” (Quijano, 2005, p. 120). Percebe-se que a estratégia de inferioridade e superioridade entre indivíduos, até hoje, corrobora a ideia de Boa Ventura de Souza Santos (2007) em relação as Linhas Abissais, uma vez que, para ele, as discriminações visíveis enfrentadas, especialmente pelas pessoas negras, estão determinadas nas perspectivas das exclusões invisíveis, postas na realidade pelas opressões diversas que afetam os sujeitos, como coloca o filósofo: “As distinções invisíveis são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o “deste lado da linha” e o “do outro lado da linha”. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente” (Santos, 2007, p. 1).

Sendo assim, é notável que em *Torto Arado* as pessoas têm a cultura, a identidade e os direitos para uma vida digna negados. Quando Bibiana vai à cidade com Severo, ela percebe que aquele lugar é um mundo para o qual ela e os outros que moram em Água Negra não existiam. Logo, nota-se que essa dinâmica de exploração é disseminada ao longo dos anos, e os moradores nascem, crescem e morrem nas terras em que constroem suas vidas através do trabalho, mas sobre as quais não têm nenhum direito, exceto pelo espaço minúsculo no qual seriam enterrados após a morte. O ciclo de suas vidas se encerra na terra em que viveram, produziram, mas não usufruíram:

O chão das nossas casas e dos caminhos da fazenda era de terra. De barro, apenas, que também servia para fazer a comida de nossas bonecas de sabugo, e de onde brotava quase tudo que comíamos. Onde enterrávamos os restos do parto e o umbigo dos nascidos. Onde enterrávamos os restos de nossos corpos. Para onde todos desceriam algum dia. Ninguém escaparia (Vieira Jr., 2019, p. 20).

Com a transmissão dos valores e da importância do trabalho, o cultivo e a plantação através de gerações, a vida daqueles que constroem a comunidade de Água Negra é entrelaçada pelo seu vínculo com a terra. De acordo com Mandarino e Gomberg, “a procura e a identificação de espécies vegetais objetivavam a manutenção de aspecto primordial de sua cosmovisão e, portanto, da sobrevivência de uma identidade enquanto negra e africana” (Mandarino; Gomberg, 2009, p.155). Essa relação é frequentemente expressada pelo personagem Zeca Chapéu Grande, uma das figuras de liderança mais importante para a comunidade; patriarca da família principal e uma marca identitária fundamental para

Belonísia:

Quando estava sozinha e sabia que não a observariam com estranheza pelo seu ato, deitava-se no chão, como viu seu pai fazer inúmeras vezes. Tentava escutar os sons mais íntimos, dos lugares mais recônditos do interior da terra, para livrar o plantio da praga, para reparar as dificuldades e ajudar na colheita (Vieira Jr., 2019, p. 254).

No sistema colonialista, uma das operações utilizadas pelos colonizadores na manutenção da sua hegemonia está na repressão das “[...] formas de produção de conhecimento dos colonizados, seus padrões de produção de sentidos, seu universo simbólico, seus padrões de expressão e de objetivação da subjetividade” (Quijano, 2005, p. 121). Sendo assim, Zeca Chapéu Grande representa a figura do pai de santo através da qual os moradores da comunidade estabelecem conexões com a ancestralidade na religião do Jarê. Ele consegue, a seu modo, reivindicar o direito à existência através da resistência da cultura. Além disso, o personagem também atua na transmissão de saberes tradicionais relacionados à terra e aos cuidados medicinais, sendo aquele a quem os moradores buscam para aconselhamento e ajuda.

Por outro lado, é através da figura de Severo, marido de Bibiana, que os personagens são levados a pensar na importância da mobilização para resistir à dominação sob a qual vivem. Nas palavras do próprio personagem, “[...] havia sido parido pela terra” (Vieira Jr., 2019, p. 72). Severo busca, por meio do estudo, se informar o suficiente para conscientizar outros moradores da fazenda sobre os direitos deles. As palavras de Severo ecoavam nas vozes de outros personagens: “Não podemos mais viver assim. Temos direito à terra. Somos quilombolas” (Vieira Jr., 2019, p. 187). Pela relevância da sua figura no estímulo ao confronto com os senhores da fazenda e ameaça à manutenção do *status quo*, Severo é brutalmente assassinado e tentam justificar a sua morte, alegando envolvimento com drogas. No entanto, Bibiana aponta:

Nós moramos na periferia da cidade, e lá os policiais usavam a mesma desculpa de drogas para entrar nas casas, matando o povo preto. Não precisa nem ser julgado nos tribunais, a polícia tem licença para matar e dizer que foi troca de tiro. Nós sabemos que não era troca de tiros. Que era extermínio (Vieira Jr., 2019, p. 221).

Nesse cenário, as forças dominantes muitas vezes atuam sob políticas sistemáticas na repressão das populações negras: “[...] as instituições são hegemônicas por

determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos” (Almeida, 2019, p. 27), inclusive na manipulação das informações para mascarar os projetos de genocídio. Dessa forma, é importante dizer que as ideias de Almeida remetem às de Fanon ao observar que:

Os negros, de um dia para o outro, passaram a ter dois sistemas de referência em relação aos quais era preciso se situar. Sua metafísica, ou, menos pretensiosamente, seus costumes e as instâncias às quais remetem foram abolidos, pois estavam em contradição com uma civilização que eles desconheciam e que lhes foi imposta. [...] Então nos coube enfrentar o olhar branco. Um peso fora do comum passou a nos oprimir. O mundo real disputava o nosso espaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração do seu esquema corporal (Fanon, 2019, p. 92).

Com relação à obra em questão, ainda que a morte de Severo seja sistematicamente utilizada para imprimir medo e desestabilizar o movimento que foi por ele iniciado, os moradores de Água Negra dão continuidade à mobilização e resistência: “deitariam no chão diante de suas casas para impedir os tratores de demolir. Que nenhuma família desampararia a mais próxima, independente das diferenças que guardavam no dia a dia. Juntos resistiriam até o fim” (Vieira Jr., 2019, p. 256). A união da comunidade, a forte ligação com as entidades religiosas e as marcas do percurso traçado por seus ancestrais na luta pela sobrevivência constituem o desfecho da história, tendo como núcleo as vidas de Bibiana e Belonísia.

Sob influência da entidade religiosa Santa Rita Pescadeira, são as mãos de Bibiana que cavam a cova para o dono da fazenda que ameaça à liberdade de seu povo e foi responsável pelo assassinato do seu marido. “Mãos que os ajudaram a sobreviver, que forjaram o alimento e encantos ao manejar folhas e movimentá-las pelo corpo necessitado. Mãos que forjaram a defesa e a justiça quando possível. Com a força de suas mãos dilaceradas você apenas abria um caminho” (Vieira Jr., 2019, p. 244). Por fim, o ciclo é encerrado com Belonísia que, na forma mágica de onça, conduz o alvo ao seu destino e assina a sentença de morte dele.

3.3 As relações de gênero

Joan Scott, ao tratar o gênero como uma categoria de análise da identidade, afirma que “é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (Scott, 1990 p. 21). Dessa forma, o gênero é uma categoria definida a partir de construções sociais; assim, os papéis, características, posições que homens e mulheres devem ocupar na sociedade, mediante suas representações masculinas e femininas, respectivamente, provocam desigualdades sociais devido às relações de poder nas quais estas representações são construídas.

Chimamanda Ngozi Adichie (2014), no livro *Sejamos todos feministas*, observa que a questão de gênero é importante para todo mundo, pois quando há uma repetição de algo, por mais absurdo que seja, faz com esse algo se torne normal. Isto relacionado à diferença entre homens e mulheres na sociedade, leva-nos a crer que pensamentos de parte da sociedade bem como as atitudes de alguns homens em relação às mulheres, estão corretos. Dessa maneira, é necessário refletir sobre a construção social feita em volta desse modo de perceber as relações de gênero. Nesse contexto, é interessante observar as ideias de Patrícia Hill Collins sobre o que ela chama de Imagens de controle, no intuito de denunciar discursos e a homogeneização de alguns padrões sociais imputados às mulheres, especialmente às mulheres negras que, para a feminista, são “contornos específicos da objetificação das mulheres negras, bem como as maneiras pelas quais as opressões de raça, gênero, sexualidade e classe se interseccionam” (Collins, 2019, p. 139).

Esse pensamento corrobora o conceito de interseccionalidade que, de acordo com Akotirene, “visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado – produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais” (Akotirene, 2019, p. 14). De acordo com esse conceito, as mulheres negras sofrem duplo preconceito e são mais atingidas que as mulheres brancas, uma vez que, além da “superioridade” social do homem e da mulher brancos, ainda é atingida pelo machismo negro.

Desse modo, o gênero é um marcador que provoca desigualdades, o homem detém

um poder maior que a mulher e, em muitos casos, o poder dele oprime a mulher de diversas maneiras, é o que podemos perceber na narrativa de *Torto Arado*. A seguir, passamos a contextualizar sobre o papel que algumas das personagens femininas ocupam na narrativa, delimitamos tratar apenas da avó das protagonistas, Donana; Maria Cabocla; Bibiana; Belonísia e Santa Rita Pescadeira.

3.3.1 Donana

A começar por Donana, a avó das protagonistas, a história dela fica subentendida, mas nas duas primeiras partes do livro ainda não entendemos o que, de fato, aconteceu; entretanto, ao chegar à última parte, Santa Rita Pescadeira² deixa o leitor a par de tudo. Donana vivia como escrava, teve seus filhos no sofrimento do trabalho braçal: “Zeca nasceu no meio da roça, dentro de um charco, com a ajuda das trabalhadoras da fazenda, debaixo deste mesmo sol que agora fervilhava seu juízo” (Vieira Jr., 2019, p. 209-210).

A história da faca que as protagonistas encontraram na sequência inicial do romance, se delineia a partir dessa parte, Donana roubou a faca de um visitante que estava na fazenda, pois achou que poderia vendê-la para suprir as necessidades dos filhos: “Devia valer um bom dinheiro. Foi quando se lembrou dos filhos que precisavam de calçados e roupas novas, porque não havia mais como cerzir os trapos esgarçados. Eles tiram da gente e nós tiramos deles” (Vieira Jr., 2019, p. 209). Neste trecho é possível ver que Donana desempenha o papel da mãe que precisa sacrificar-se para dar melhores condições aos filhos, mesmo em condições precárias.

Com o prolongar da narrativa, sabemos o porquê de Donana ser tão reclusa e triste, ela descobriu que o homem que vivia com ela estuprava sua filha, Carmelita, a filha perdida, que ela nunca achou: “Quando Donana encontrou a filha Carmelita, moça há poucos anos, debaixo do corpo do seu homem, de calças arriadas, na cama onde se deitava do cansaço sem fim, se envervou no chão como um jumento que não quer seguir o caminho que lhe resta” (Vieira Jr., 2019, p. 212), então decide usar a faca, objeto roubado sem essa

² Entidade ou encantada que toma a palavra na última parte da narrativa.

pretensão:

Não havia luz, não havia candeeiro nas mãos de Donana. Não queria deixar rastros ou lembranças de seus passos e atos. Ninguém saberia de nada, diria apenas que ele havia sumido sem deixar indicação do destino. Antes de pensar na maneira que daria, **sangrou o homem como se sangrasse um porco**. Arrastou seu corpo com os bolsos cheios de pedras, que ela mesma colocou, para dentro do rio. Não temeu que viessem lhe perguntar pelo desaparecimento do companheiro nos dias que se seguiriam (VIEIRA JR., 2019, p. 213-214, grifo nosso).

No trecho em destaque, podemos perceber a animalização referente ao estuprador, ele foi sangrado como se ela sangrasse um porco, porque era assim que Donana o via depois de saber da violência que vinha ocorrendo já há algum tempo. Assim, Donana guardou a faca e seu segredo até o fim da vida, a faca passou a ser o símbolo daquela desgraça, então, quando suas netas foram afetadas por aquela arma, ela tentou livrar-se dela jogando-a no rio, mas a faca volta para a vida da família, é como se fosse um objeto mágico que precisava estar nas mãos daquelas mulheres; era o símbolo das dores que as perseguia.

Também vemos que a faca, como objeto fálico, pode representar as dores causadas pelo machismo, aspecto que pode ser observado pelo fato de a faca sempre aparecer, ou seja, ela resiste mesmo que Donana tente destruí-la ou livrar-se dela. Lembremos que ela vai ser o instrumento causador do silenciamento de Belonísia.

3.3.2 Maria Cabocla

A história de Maria Cabocla é contada através da perspectiva de Belonísia, uma vez que, ao se tornarem amigas, ela tomou conhecimento da violência que Maria passava: “um dos filhos de Maria foi me encontrar enquanto limpava a roça. Disse que o pai estava louco, batendo **de novo** na mãe” (Vieira Jr., 2019, p. 132, grifo nosso). No trecho destacado podemos inferir que a violência era frequente, o homem exercia seu poder em relação à Maria, oprimida pela violência doméstica.

Belonísia tentou intervir nessa relação tóxica, o homem foi expulso de casa, mas: “semanas depois, soube que Aparecido havia retornado. “Senti tristeza, mas pensei «se é

pai dos meninos dela tem de haver algum perdão»” (Vieira Jr., 2019, p. 134). Desse modo, é possível compreender que, mesmo Maria sofrendo com a violência, havia a dependência, não apenas emocional, mas também financeira, infelizmente uma realidade ainda muito comum. Em 2022, por exemplo, até julho, o Brasil teve mais de 31 mil denúncias de violência doméstica ou familiar contra as mulheres, sem contar os casos não denunciados como mostram Deslange Paiva, Arthur Stabile e Gustavo Honório na reportagem do site G1:

Cresceram os assassinatos de mulheres por inúmeras questões – dentro do homicídio, vai ter de tudo – e cresceram aqueles feminicídios, especialmente o feminicídio íntimo, que são aqueles que decorrem de violência doméstica. Quando olhamos em masculi, no estupro, a maior parte das vítimas são mulheres. Olhamos os números de violência doméstica, temos os acionamentos para 190 da PM. Com tudo isso, a gente percebe que o Brasil ficou mais inseguro para a mulher em 2022”, afirma Samira Bueno, diretora-executiva do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023, p. 1).

Diante do exposto, se pode dizer que a realidade de Maria Cabocla é a de uma parcela significativa de mulheres, infelizmente. Ainda nesse contexto, é interessante observar que Belonísia usa a faca para se livrar do marido de Maria Cabocla, isto nos leva a pensar que é justamente o objeto fálico e cortante que vai, pelas mãos de Belonísia, intimidar o macho raivoso. Vemos que na sociedade em geral, muitas vezes as mulheres tiveram que se vestir de homens ou agirem como tal para serem respeitadas ou exercerem uma determinada função considerada como masculina.

3.3.3 Bibiana

A irmã que permaneceu com a língua e que sentia culpa tê-la: “dentre as coisas que levava, e talvez a que mais me machucava, era a minha língua” (Vieira Jr., 2019, p. 76), Bibiana usou, por muito tempo, sua voz como forma de ajudar a irmã a se comunicar. Vivia naquelas terras sem perspectiva, com uma educação falha, mas não deixou que isso fosse toda a sua vida. Mesmo com medo, foi embora com Severo e, ao voltar, tinha ganhado consciência do seu papel na sociedade, de como era ser uma mulher negra. Aos olhos de Belonísia:

Bibiana esteve mais ativa ao lado do marido. Em meio à mobilização, eu ficava de bom grado com as crianças para que ela pudesse escrever, trabalhar, andar com Severo procurando ajuda na garupa da motocicleta que ele havia adquirido. Iam a sindicato, a reuniões. Voltavam, faziam mais reuniões, escondidos ora na casa de um, ora na casa de outro (Vieira jr., 2019, p. 176).

Bibiana tinha encontrado sua vocação como professora, mas também como agente de mudanças, estava na mobilização para que mais pessoas pudessem saber de seus direitos, reivindicando o que era deles. O papel que a personagem exerce na tem muita potência, ela não é oprimida pelo marido, aprende com ele sobre a sociedade, está à frente na luta sindicalista e, mesmo quando Severo é assassinado, não esmorece, ela entende que sua luta precisa continuar.

3.3.4 Belonísia

A personagem passa por momentos conturbados, não consegue se comunicar com as pessoas de forma satisfatória depois que a irmã vai embora, mas começa a se expressar sem ela, tenta deixar de ser dependente nesse sentido. Depois vai morar com Tobias e se arrepende, mas não volta atrás, seus pais se preocupam, pedem para ela voltar à casa, mas ela permanece, como numa tentativa de mostrar que consegue se virar sozinha, que consegue ser independente, mesmo naquele contexto desfavorável onde a mulher depende do homem.

Na noite em que se muda, ela e Tobias têm a primeira noite como casal: “depois que ele me deitou na cama, beijou meu pescoço e levantou minha roupa, não senti nada que justificasse meu temor. Era como cozinhar ou varrer o chão, ou seja, mais um trabalho; (Vieira Jr., 2019, p.99). Esse trecho é significativo, pois Belonísia, desde o primeiro momento percebeu que naquela relação, ela apenas servia ao homem, ela não sentiu prazer na relação sexual, aquilo era um trabalho para ela, o trabalho reprodutivo ao qual muitas mulheres são submetidas.

Quando Tobias tentou usar de violência, ela não permitiu: “antes que qualquer homem resolvesse me bater, arrancaria as mãos ou cabeça, que não duvidassem de minha zanga” (Vieira Jr., p. 106-107). Embora ela não tenha permitido, não saiu da casa e não abandonou o homem, ainda assim, a reação dela, em meio ao contexto em que vivia, foi

importante, corajosa e autônoma. Belonísia não teve as mesmas condições da irmã, não estudou, não teve oportunidade de adquirir conhecimento acadêmico, mas conseguia ter pensamento crítico sobre a vida dela, sobre quem ela era e isso é o mais interessante na construção dessa personagem. Em outro trecho:

Sabia que mesmo depois de muitos anos, carregaria aquela vergonha por ter sido ingênua, por ter me deixado encantar por suas cortesias, lábia que não era diferente da de muitos homens que levavam mulheres da casa de seus pais para lhes servirem de escravas. Para depois infernizarem seus dias, baterem até tirar sangue ou a vida, deixando rastro de ódio em seus corpos. Para reclamarem da comida, da limpeza, dos filhos mal-criados, do tempo, da casa de paredes que se desfaziam. Para nos apresentarem ao inferno que pode ser a vida de uma mulher (Vieira Jr., 2019, p. 118-119).

Belonísia compreende sua condição enquanto mulher na sociedade patriarcal em que vive, e qual a função que é designada a ela no casamento, ela entende que, nesse contexto, para os homens, as mulheres não passam de objeto de uso, as opressões de gênero são muito bem expressas pela personagem.

Belonísia vivenciou a desigualdade de gênero de outra forma. Ela tinha aptidão por mexer na terra, observava o pai e entendia que aquilo era o que ela queria, mas o pai a impedia de realizar essa tarefa, pois ela era mulher, ou seja, ela tinha que exercer o papel de dona de casa e mãe, papéis reservados à mulher. Embora lhe tivesse sido negado esse serviço, não se deixou abater, continuou tentando aprender tudo que podia com o pai e quando Tobias morreu, seu cuidado com a pequena horta que tinha atrás de casa rendeu frutos nunca vistos em Água Negra.

Belonísia foi aquela que, embora silenciada da palavra, suas ações deixam claro seu posicionamento em relação aos papéis sociais. Por outro lado, mesmo mostrando sua indignação e valentia perante as ações de Tobias, foi preciso que ele morresse para que ela pudesse ser alguém capaz de gerir a própria vida. Esse contexto também é visto em outras personagens da obra, mas o telurismo é simbolizado por ela na relação que ela tinha com a terra e a fidelidade ao espaço vivido.

3.3.5 Santa Rita Pescadeira

Como bem coloca Micea Eliade (2004), o mito pode revelar uma verdade que ninguém é capaz de explicar. Histórias que podem vir de um fato ou de narrativas ligadas, ou não, ao sagrado. A literatura, com suas interfaces, permite transfigurações da realidade e dá ao leitor, não uma resposta, mas, um caminho para reflexões a respeito de determinados assuntos. Nesse aspecto, a Santa Rita Pescadeira é uma personagem que possibilita observações por vários ângulos como mitos, religiões, história, cultura, vivências, e faz o leitor caminhar nessa esteira de modo a refletir e questionar sobre diferenças entre os contextos apresentados socialmente e os contextos vividos por variados povos. Vieira Jr. dá voz à entidade, incumbindo-lhe de mostrar entendimentos históricos, visões religiosas, vivências e memórias, tomando o lugar de voz de uma coletividade.

A entidade mostra a vivência análoga à escravidão a que os personagens são submetidos, seu olhar atento conduz o fim da narrativa, ela mostra a força e resiliência de ser mulher e que sempre procurava se abrigar no corpo de outras mulheres. Mas, ao ter que pedir morada a Zeca Chapéu Grande, houve resistência da parte dele, pois mesmo o machismo não sendo explícito, ele teve vergonha em incorporar uma entidade feminina. Assim, é com a narração da encantada que vemos “um Brasil pútrido, imerso em problemas de desigualdades sociais, com suas cicatrizes ainda abertas com a prevalência de trabalho análogo à escravidão e a prevalência de uma cultura patriarcal e machista” (Ramos, 2022, p. 30).

É interessante que a entidade, por ter vivido várias vidas, tem autoridade e autonomia para contar tudo que viveu, viu e ouviu. Isso mostra não só a perspectiva do racismo estrutural que se geriu e perpetuou-se através dos séculos, como também mostra que as mulheres, mesmo ao arrepio dos homens, sempre tiveram uma importância histórica de força, resiliência, solidariedade.

O testemunho da entidade ganha um status de verdadeiro uma vez que ela não foi aquela que ouviu a história, mas que viveu. Com essa faceta, Vieira Jr. desconstrói o discurso da história contada hegemonicamente, ou seja, a história que só tem um lado. Nesse contexto, Santa Rita Pescadeira mostra o outro lado da história que ficou silenciada e mostra que, enquanto mulher, só na condição de entidade, ela teve como contar a sua

versão.

Portanto, podemos considerar que na obra de Vieira Júnior, as personagens femininas são fortes e resilientes. Donana exerce o papel de mãe, mas não só, ela é a dona da casa, é quem manda, é quem coloca o alimento na boca dos filhos, invertendo a lógica de que a mulher precisa de um homem, ela basta. Maria Cabocla, infelizmente, exerce o papel da mulher que ainda está sob o jugo do homem dominador, situação frequente e atual, mostrando a desigualdade e opressão sofrida pelo gênero. Bibiana e Belonísia mostram que as mulheres podem e devem buscar seus direitos, devem estar à frente, serem protagonistas das suas histórias. Santa Rita Pescadeira é a mulher entidade, tem um papel central na narrativa, contando sua visão de tudo que viu e ouviu por tantos séculos de horror pelo seu povo. As protagonistas representam a situação de mulheres que existem no Brasil, mas que são invisibilizadas, suas histórias não são contadas, são frequentemente deixadas de lado, mas estão em todos os lugares.

Nesse sentido, Costa e Hillesheim (2021) destacam que as mulheres racializadas estão em um lugar em que são sempre atingidas por um fluxo intenso de opressões, pois não é apenas a cor, mas o fato de serem mulheres, esse é o caso das personagens de *Torto arado*. A presença de personagens femininas fortes salienta os papéis desempenhados por várias mulheres na construção de tradição, de memórias da família e da comunidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível observar, com a pesquisa, o papel importante que a literatura exerce nos âmbitos social, histórico, cultural e como as artimanhas literárias tomam corpo, sentidos e fomentam olhares por diversos ângulos. Vieira Junior traz situações, percepções e aspectos históricos cujos fatos, condições e observações tendem a ser ocultados ou passados por meio de discursos homogêneos e contextualizados conforme interesse da sociedade dominante, aspectos culturais que estão nas raízes da formação do povo brasileiro e que são negados.

O romance deixa evidente as lutas seculares por direitos à moradia, chão para cultivo e alimentação, dignidade no trabalho e o direito de ser e de estar no mundo. Assim, *Torto*

arado é um romance primoroso, as histórias contadas são significativas e visibilizam a história de povos escravizados e de muitas mulheres representadas pelas personagens. No que concerne à representação feminina, foi possível constatar que apesar de haver violência doméstica e uma das mulheres estar em posição de subalternidade, Maria Cabocla, esse não é o todo representado. As mulheres estão na luta pelos direitos e no lugar que querem, como Belonísia, que mesmo com o pai dizendo que o lugar dela não era no cuidado com a terra, mostrou que qualquer lugar poderia ser o lugar dela.

Assim, é possível perceber que as mulheres protagonistas são donas das suas histórias, mostram que o ambiente não define o futuro e que a luta pelos direitos bem como o ativismo político-social são, também, para as mulheres. A identidade cultural é construída de forma coletiva, de acordo com o envolvimento de cada personagem no processo de ressignificação da história, através de referências históricas, da memória coletiva e das tradições da comunidade. As marcas identitárias na vida das personagens, enquanto indivíduos e comunidade, são permeadas pelas questões intrínsecas à raça, como a ancestralidade e o laço de pertencimento ao espaço e o reconhecimento desses traços é o que motiva a reivindicação dos direitos através de ações de resistência que ocorrem de forma passiva, como na preservação dos encontros religiosos no Jarê, ou de forma ativa, através da mobilização e ações de luta coordenadas por Severo e pelas irmãs Bibiana e Belonísia.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo: Companhia das letras, 2014.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais. Coordenação de Djamila Ribeiro).
- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BASTIDE, R. **O Candomblé da Bahia: rito nagô**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. **Manifestações do insólito em Enclausurado e Torto**

Arado. **Revista Abusões**, n. 17, 2021.

COSTA, Sheryl Andreatta da; HILLESHEIM Betina. Ser Mulher Negra: Existência e Resistência nos Contos de Conceição Evaristo in **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 505-522, 2022.

DUARTE, E. (2008). Literatura afro-brasileira: um conceito em construção in **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 11-23. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9430>

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. Trad. Jacó Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. tradução Sebastião Nascimento com colaboração de Raquel Camargo. Le livros, disponível em: <https://www.lerlivros.net/pele-negra-mascaras-brancas-frantz-fanon/>. Acesso em:25/05/2023.

FERNANDES, Joyce. O legado traumático da escravidão em Torto Arado. **Revista Entrelaces**, v. 11, n. 23,2021.

HALL, Stuart. Centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

IANNI, Octavio. "Literatura e consciência", em **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. Edição Comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura, nº. 28. São Paulo: USP, 1988.

MANDARINO, A C; GOMBERG, Estélio. Água e ancestralidade jeje-nagô: possibilidade de existências. **Rev. Textos de História**, vol. 17, nº 1, 2009. Disponível em: <https://www.resenhacritica.com.br/todas-as-categorias/textos-de-historia-brasilia-v-1-n-1-1993-17-n-1-2009/>

PAIVA, Deslange; STABILE, Arthur; HONÓRIO, Gustavo. **Casos de violência contra mulher, criança e adolescente crescem no Brasil em 2022**. Site G1, São Paulo. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/07/20/casos-de-violencia-contramulher-crianca-e-adolescente-crescem-no-brasil-em-2022-mostra-anuario.ghtml>

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130.

Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sursur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf>. Acesso em: 26. fev. 2023.

RAMOS, Anna Paula Dionísio. **Representações de mulheres no romance "Torto Arado"**. orientadora: Profª. Dra. Vilma Lúcia Cunha de Farias. 2022. 37f. Artigo (Graduação – Licenciatura em Letras à Distância) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB, 2022.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Para além do pensamento abissal, das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Revista Crítica de Ciências sociais, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/753>. Acesso em: 14/06/2024.

SCOTT, J.W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**, v.16, n.2, p. 5 – 22, 1990.